

Catarse e sororidade: o relato enquanto motor essencial da campanha Não Mereço Ser Estuprada no Facebook¹

Bianca BORTOLON²

Marianne MALINI³

Universidade de Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

Este artigo busca analisar o conteúdo de postagens e comentários que relatam vivências de violência contra a mulher presentes na página do Facebook “Eu não mereço ser estuprada”. Realiza-se uma ponderação sobre a utilização das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (nTICs) a fim de compreender de que modo as redes sociais atualizam a gama de repertórios de movimentos sociais e aplicando essa relação para compreensão do movimento “Não mereço ser estuprada” e a lógica do relato enquanto performance catártica ali presente.

Palavras-chave: feminismo; performance; Internet; ciberativismo; relato.

1. Introdução

Em março de 2014, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) divulgou a pesquisa “Tolerância social à violência contra as mulheres”, cujo objetivo era investigar a percepção do cidadão brasileiro perante à violência contra a mulher. O dado causador de maior polêmica foi a porcentagem de brasileiros que concordavam, total ou parcialmente, com a afirmação “Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”: a princípio, 65% de aproximadamente 4 mil pessoas.

O alto número foi recebido com revolta e repercutiu amplamente nas redes sociais, gerando debates sobre a culpabilização da mulher em casos de estupro, uma das pautas centrais do movimento feminista. A jornalista brasiliense Nana Queiroz inicia, no dia 28 de março de 2014, a campanha “Não mereço ser estuprada”, pela qual mulheres eram convocadas a divulgar fotos acompanhadas da frase temática em um evento no Facebook. Em poucos dias o evento contabilizava cerca de 40 mil usuários confirmando presença, além do apoio de milhares mulheres, celebridades e figuras políticas, incluindo a presidenta Dilma Roussef, que expressou apoio à campanha em seu perfil pessoal no Twitter.

¹ Trabalho apresentado no GP Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Comunicação e Territorialidades do PPGCOM-UFES, email: biancabortolon@gmail.com

³ Mestranda do Curso de Ciências Sociais do PGCS-UFES, email: mariannemalini@gmail.com



Figura 1: Nana Queiroz, jornalista brasileira e idealizadora da campanha, em foto que deu início ao protesto online.

Inspiradas pelo sucesso da campanha, um grupo de mulheres cria a fanpage “Eu não mereço ser estuprada” a fim de reunir imagens e relatos publicados no evento. Ao decorrer de sua atuação, porém, a página e a campanha como um todo mostraram-se uma ferramenta além da divulgação dos retratos, sendo percebida como um espaço de conforto para que mulheres de todo o país pudessem não apenas compartilhar o bordão como também suas dores, vivências e superações através de relatos de violência e indignação com a cultura do estupro.

Este artigo busca analisar o conteúdo de postagens e comentários que relatam vivências de violência contra a mulher presentes na página do Facebook “Eu não mereço ser estuprada”, sendo esta percebida como um espaço possível, devido à forte noção de companheirismo e compreensão entre mulheres, para performance de catarses enquanto participação em uma campanha feminista. Para tanto, foi utilizado o método de análise de conteúdo às postagens analisadas, sendo estas coletadas por meio do aplicativo *Netvizz*.

Este artigo é uma continuidade do trabalho intitulado “Gênero e Ativismo Online: um estudo de caso da campanha Não Mereço Ser Estuprada no Facebook” (MALINI, F.; BORTOLON, B.; MALINI, M., 2015), apresentado no XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Por meio das análises de seus resultados, observou-se a predominância de relatos de violações feitos por mulheres na página, nos estimulando a compreendê-los de maneira sistematizada e particularizada.

2. A campanha “Não mereço ser estuprada” e a autocomunicação como ocupação do ciberespaço

A chegada da Internet representou uma mudança de ordem fundamental no ambiente da comunicação, visto que constitui simultaneamente uma maneira de comunicar em massa

e uma autocomunicação. Para Castells, “a autocomunicação de massa fornece a plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social, seja ele individual ou coletivo, em relação às instituições da sociedade” (CASTELLS, 2013, p. 216), fazendo emergir novas possibilidades de resistência.

O cenário de uma reunião de processos de autocomunicação, muitas vezes em forma de relato, possibilita uma vivência coletiva tanto da indignação quanto da esperança, que tem o potencial para formar teias de apoio, de modo que cada indivíduo possa engajar-se em um movimento social a partir de uma narrativa de si. Segundo Leal (2015),

Cada compartilhamento de uma vivência pessoal de assédio pode ser pensado como uma atitude micropolítica, que sai do plano individual para unir-se a uma vontade coletiva de transformação de uma cultura que oprime as mulheres e trata seus corpos como objeto e como propriedade pública. (LEAL, 2015, p. 9)

As possibilidades da autocomunicação na internet convergem com as necessidades de transformação simbólica dos movimentos sociais contemporâneos, principalmente do movimento feminista, que têm como uma das pautas centrais de debate, além da intervenção estatal ou legal, a desconstrução de práticas simbólicas que em última instância retiram do ser social mulher sua condição de humanidade. Tais possibilidades são especialmente empoderadoras quando aplicadas à lógica de gênero, ao entendermos mulheres como um grupo social com vozes tradicionalmente invisibilizadas e formado por sujeitos sociais, políticos e culturais estigmatizados como passivos e submissos.

Em uma tentativa de interpretar os padrões de ação coletiva dos movimentos sociais, o sociólogo Charles Tilly (2008) direcionou seus estudos para uma abordagem histórica e cultural que culmina na centralidade dos conceitos de performance e de repertório. Segundo Tilly e Tarrow (2006), movimentos sociais têm em comum o engajamento naquilo que os autores chamam de confronto político⁴:

Confronto político envolve interações nas quais os atores fazem reivindicações em nome do interesse de outros, levando a esforços coordenados em prol de interesses ou programas compartilhados, nos quais governos estão envolvidos como alvos iniciadores das reivindicações ou parte terceira destas. O confronto político, portanto, une três traços familiares da vida social: confronto, ação coletiva e política. (TILLY; TARROW, 2006, p. 4)

⁴ *Contentious politics*, no texto original.

Para Tilly (2008), os diferentes modos possíveis para realização de reivindicações coletivas, ou de engajamento em um confronto político, são considerados como performances. Isso significa dizer que, ao invés de tratar o confronto político como uma simples transação rotineira, os atores comumente dramatizam suas reivindicações a partir de certos modos de agir influenciados por um processo histórico cumulativo e do contexto em que estão inseridos. Reunidas, as performances formam repertórios, rotinas de reivindicação coletiva como greves, petições e barricadas. A existência de um repertório significa que um determinado ator possui mais de uma performance disponível para a ação, ou seja, diferentes modos de realizar reivindicações coletivas.

Um fator conjectural de importância a partir dos anos 90 é a apropriação do ciberespaço pelos movimentos sociais contemporâneos a partir do uso das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (nTICs). A utilização de redes sociais digitais, como o Facebook, tornou-se um elemento chave para a difusão de seus ideais, organização e mobilização de movimentos sociais.

O movimento feminista, em escala mundial, faz uso constante da lógica de produção simbólica e organização das redes sociais digitais. Há apropriação de territórios tanto material quanto digital em ações muitas vezes mútuas, ou seja, que transitam entre territórios. Muitas campanhas, como é o caso da ‘Mulheres Contra Cunha’, mobilizam-se por meio de atos nas ruas organizados a partir de grupos formados em redes sociais. Outras, como #nãomereçoserestuprada, não apenas se estabelecem como atuam somente no ciberespaço, produzindo performances que se adequem ao contexto em que estão atuando. Parte considerável das grandes movimentações feministas recentes no Brasil, de um modo ou de outro, utilizaram-se de redes sociais como plataforma para difusão de seus ideais e mobilização.

Rezende (2014) observa no contexto das redes sociais a ocorrência do que denomina de performances catárticas ou catarses cotidianas, concebidas por intermédio de relatos na rede. Segundo ela:

(...) trata-se de um método em que o efeito objetivado é a purgação (catharsis), uma descarga dos afetos ligados aos acontecimentos trágicos, num desejo de indignação, superação e/ou esquecimento; um método terapêutico cujo efeito de purgação e/ou repugnantes, ou seja, uma descarga emocional na qual se libera, no sujeito, satisfações substitutivas. (p. 147)

Uma performance catártica seria, portanto, um método narrativo cujo objetivo é a descarga de emoções. No entanto, é sabido que a violência de gênero sofrida por mulheres enfrenta diversas barreiras para a livre expressão, aspecto intrínseco a uma performance catártica. De acordo com dados no 9º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, publicado em 2015, estima-se que apenas 35% das mulheres que sofrem de violência registrem os casos por meio de boletins de ocorrência⁵. Muitas mulheres afirmam apresentar desconforto ou medo em relatar suas experiências por diversos motivos, como a persistência do tabu que ronda o tema, o medo do julgamento negativo ou dúvidas por parte de quem ouve o relato e a falta de um espaço que apresente alguma garantia de compreensão – em espaço livre ou parcialmente livre de julgamentos ou questionamentos.

Os dados, contudo, mostram que a fanpage “Não mereço ser estuprada” acabou por caracterizar-se como um desses espaços para suas seguidoras. Os possíveis motivos que levaram a essa construção são diversos: a publicação de postagens estimulando a denúncia, demonstrando confiança nas versões relatadas por mulheres; o incentivo à participação no movimento por meio do envio de histórias pessoais, e não somente da publicação de bordões imagéticos; e também do próprio cunho da campanha – o de que nenhuma mulher merece ser estuprada, independentemente dos contextos que levaram ao estupro.

Deste modo, ao estimular tanto a relação de confiança entre o binômio fanpage/usuário e quanto ao incentivar a performance catártica como participação em um movimento social, a fanpage ‘Não mereço ser estuprada’ construiu, em última instância, um espaço de sororidade, ou seja, de união e aliança entre mulheres baseado na noção de companheirismo e empatia, no qual mulheres se apoiam para ter não apenas a confiança necessária para relatar, mas também pela esperança do acolhimento e identificação.

Tal constatação veio após a observação dos resultados estatísticos da pesquisa, nos quais percebemos que as maiores interações produzidas na rede estiveram relacionadas principalmente aos posts categorizados como “Relatos de Violação”. Tal interação se dava principalmente com a expressão de sentimentos por parte dos usuários (tristeza, indignação, demonstrações de apoio e compaixão, por exemplo) e, também, através de diversas trocas de experiência entre vítimas de abuso.

3. Metodologia

⁵ Disponível em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/wp-content/uploads/2015/10/9-Anuario-Brasileiro-de-Seguranca-Publica-FSB_2015.pdf>

A pesquisa que fundamenta este artigo abarca o período entre 28 de março de 2014 e 23 de março de 2015, sendo abordado desde o primeiro post da página “Não Mereço Ser Estuprada” àqueles publicados um ano depois. A coletas dos dados foram realizadas por meio do aplicativo *Netvizz*, pelo qual é possível extrair dados de páginas, grupos e eventos públicos no Facebook.

Foi aplicado o método de análise de conteúdo aos textos produzidos na página (comentários e posts), sendo estes divididos em categorias e subcategorias analíticas, conforme visto em quadro abaixo:

Ocupar as redes	Denúncias	Relatos de Violação
<ul style="list-style-type: none"> • Adesão por bordão/texto • Apoio ao movimento • Mobilização por adesão/apoio ao movimento • Informativos sobre o tema da campanha 	<ul style="list-style-type: none"> • Mobilização à denúncia • Incentivo à denúncia • Informativo para denúncia • Parabenização pela denúncia 	<ul style="list-style-type: none"> • Violência sexual • Violência moral/emocional • Violência física • Violência obstétrica • Múltiplos de violência • Notícias de violações • Sentimentos • Proposta de penalização • Impunidade

Figura 2: Relação de categorias e subcategorias que compuseram a legenda final utilizada na primeira parte do processo de análise. **Fonte:** BORTOLON, B.; MALINI, M., MALINI, F.; 2015

Como resultados observou-se, dentre outras questões, a centralidade não apenas do debate em torno da violência de gênero, mas sobretudo o encorajamento de muitas mulheres em compartilhar na rede suas histórias como vítimas de violência, contadas em detalhes e realizadas de forma anônima ou não. Ao total, dentre as 337 postagens realizadas no período de análise, 51% delas correspondiam a relatos de violação.

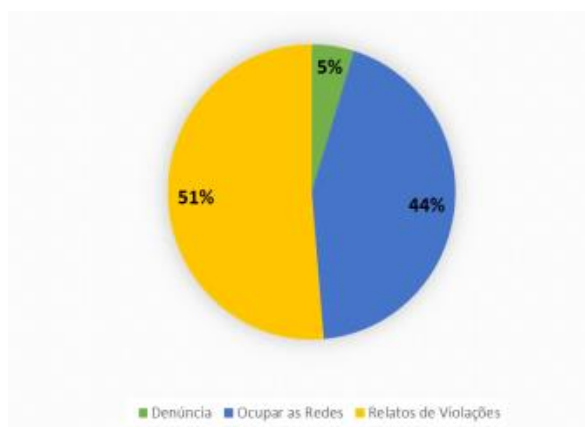


Gráfico 1: Categorização das postagens em números. **Fonte:** BORTOLON, B.; MALINI, M., MALINI, F.; 2015

A discussão e os resultados mais detalhados dos conteúdos dos posts e comentários da página encontram-se presentes no texto “Gênero e Ativismo Online: um estudo de caso da campanha Não Mereço Ser Estuprada no Facebook” (MALINI, F.; BORTOLON, B.; MALINI, M., 2015), apresentado no XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

A proposta deste artigo é aprofundar essa investigação analisando os 173 posts classificados como de “Relatos de violação” e a importância da relação destes com seus respectivos 642 comentários, realizados por ‘curtidore’s da página.

4. Relatos desencadeando coragem e esperança

A página “Eu não mereço ser estuprada” acabou por se tornar um espaço confortável de relatos de violência contra a mulher, compartilhados de forma semi ou totalmente anônima pelas administradoras.

As postagens presentes na categoria subdividem-se entre ‘Relatos de Violação’ (ramificado entre violências diversas - violação sexual, física, moral/emocional, obstétrica e múltiplas formas de violação) e ‘Notícias de Violação’. No entanto, é possível afirmar que toda a categoria está dedicada à exposição de narrativas, visto que a divulgação de notícias de violação é feita de modo a contar histórias de uma terceira pessoa, também vítima de violência. A categoria é, portanto, uma exposição de narrativas de violência contra a mulher, estejam elas em primeira ou terceira pessoa.

Não há, entre as postagens, a presença das subcategorias ‘Sentimentos’, ‘Proposta de penalização’ ou ‘Impunidade’, estas tendo se mostrado como comportamento dos comentaristas. Conclui-se então que, no contexto da fanpage, as demonstrações de sentimentos estão integralmente relacionadas ao compartilhamento de relatos, ou seja, às performances catárticas. Observa-se um ciclo de sentimentos: ao performar catarses e expurgar sentimentos, as vítimas desencadeiam respostas igualmente sentimentais, respostas estas que se mostram como um incentivo à expurgação de novos sentimentos.

O aparecimento do termo mulher como central faz jus à proposta dos relatos em trazer à tona a autocomunicação e o sentimento de pertencimento e companheirismo das redes de sororidade, principalmente através da noção de que todas as mulheres estão ‘no mesmo barco’, ou seja, sujeitas à violência de gênero.

O termo ‘mulher’ aparece em grande parte dos relatos, portanto, relacionado à consciência e combate à violência de gênero sofrida por mulheres e à indignação frente a essa realidade. Muitas vezes, está atrelada a convocação, vinda daquelas que relatam, para a união de mulheres em prol de uma quebra do silêncio a partir da publicação de novos relatos ou de incentivo à denúncia, seja ela formal (em delegacias) ou às pessoas próximas tanto da vítima quanto do agressor.

Homem e Pai

Sujeito praticante da violência. Não há, nos relatos coletados nesta pesquisa, depoimentos de agressão partindo de outras mulheres (realidade potencialmente presente, por exemplo, em relacionamentos lésbicos abusivos). Nos relatos publicados pela fanpage Não Mereço Ser Estuprada, o homem aparece como a personificação da violência. Dados publicados pelo IPEA em 2014 na pesquisa ‘Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde’⁷ apontam que, do total de estupros no país, 88,5% deles tiveram mulheres como vítimas e entre 92 e 96% dos agressores eram do sexo masculino.

A pesquisa revela também que, em casos de estupro contra crianças e adolescentes (que contabilizam 70% dos casos totais de estupros abarcados pela pesquisa), 24,1% dos agressores são os próprios pais ou padrastos e 32,2% são amigos ou conhecidos da vítima. No geral, 70% dos estupros, independentemente da idade da vítima, são cometidos por parentes, namorados ou conhecidos. Destaca-se também a presença do termo ‘criança’ na nuvem de palavras, indicando a presença de diversos relatos ocorridos no período de infância das vítimas.

⁷ Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140327_notatecnicadiest11.pdf>

“eu fui vitima de abuso sexual dos 4 aos 7 anos de idade e o estuprador era meu próprio irmão q na época tinha 14 anos, ele se aproveitava quando minha mae ia trabalhar e nos deixava sozinhos ate a vizinha ir nos buscar, quando minha mae ia tomar banho ou ia no mercado, resumindo sempre que ficávamos sozinhos ele abusava de mim. E pra mim não gritar ou contar pra minha mae ele me ameaçava colocando uma faca no meu pescoço falando q ia me matar ou q ia matar nossa mae e também tapava minha boca pra ninguém conseguir me ouvir chorar.... Ele ainda abusava de mim somente com sexo anal que era pra me machucar mesmo, eu ainda lembro da dor q eu passei durante tanto tempo... Mas tem uma vez que eu nunca vou esquecer... Eu devia ter uns 5 aninhos e tinha acabo de entrar pra escola eu estava voltando do meu primeiro dia de aula e não sabia que minha mae tinha ido trabalhar e fui direto pra casa quando eu bati na porta meu irmão q abriu quando eu vi ele sai correndo desesperada e ele saiu correndo atrás de mim e quando ele me alcançou eu deixei cair todos os meus lapis de cor e ele saiu me arrastando pra casa e trancou a porta e eu chorando mto ai ele começou a tirar a roupa dele e me arrastou ate a cama e subiu em cima de mim nú e começou a se esfregar em mim e eu comecei gritar mas ele tampou minha boca e falou assim, não adianta chorar q eu vou comer teu c* igual e se gritar vai ter q tomar meu leiteinho, nisso minha vizinha me chama acho q ela ouviu mus gritos e viu meus lapis espalhados pela grama da vizinha ele jogou pro chão e mandou eu atender a porta e fingir q nada tava acontecendo... Sabe os mais me machucou nao foi o estupro nem nara foi quando eu criei coragem pra contar pra mae e ela falou q a culpa era minha q eu sabia bem oq eu tava fazendo e q se ele fez foi pq eu quis e deixei e tbm falou q meu irmão n tinha culpa nenhuma pq ele era homem e seguiu seu extinto... eu só fiquei com mais nojo de mim odiando ainda mais minha vida e talz... hj eu tenho 15 anos e ainda sinto as marcas q aquilo me deixou e só pra ajudar ainda tenho q conviver com aquele monstro dentro de casa... Mas hoje eu entendo e tenho certeza q a culpa NUNCA foi minha, pq oq uma criança de 4 anos ia fazer pra se defender de um tarado q ainda ameaçava ela? NENHUMA CRIANÇA SEJA ELA MENINA OU MENINO MERECE SER ESTUPRADA... #NosNaoMerecemosSerEstupradas #NinguemMerece #ACulpaNuncaEDaVitima Anonima”

Figura 5: relato de abuso sexual na infância, com o segundo maior número total de comentários (41)

Os relatos compartilhados na fanpage vão ao encontro desses dados. A figura paterna aparece como uma figura de violência, causadora dos estupros ou mediadora dos mesmos, visto que amigos ou familiares do pai também aparecem como principais agressores.

Mãe

Figura central em diversos relatos publicados pela fanpage mas, diferentemente da figura paterna que simboliza o sujeito agressor, aparece como sujeito omissa à violência sofrida por quem relata. A palavra ‘mãe’ surge em boa parte dos relatos como a figura na qual mulheres vítimas de violência buscam conforto e encontram omissão, o que gera histórias permeadas de ressentimento à figura materna.

“Esse ate agora foi o depoimento q mais me comoveu. Aos q dizem absurdos como “se estivece em casa lavando louça isso não aconteceria” ou q a mulher se insinuou oq vão dizer a essa guerreira? Quando eu tinha 3 anos, minha mãe se envolveu com um policial militar casado, muito simpático todo mundo gostava dele, minha mãe era louca por ele, mas tava na cara que a minha mãe era mais uma aventura. Eu também gostava dele, nunca havia conhecido meu pai, ele era a unica figura paterna que eu tinha. Uma vez quando eu tinha 6 anos fiz um presente na escola de dia dos pais, pedi pra que minha mãe entregasse quando ele chegace o que a maioria das vezes era de madrugada. Feita a entrega ele decidiu me agradecer, foi ao meu quarto e se masturbou do meu lado e usando a minha mão, fiquei tão apavorada que não conseguia abrir os olhos quando ele gozou, ainda me deu um beijo na testa e foi dormir. A partir daí ele perdeu a vergonha era várias brincadeiras de ache o objeto em baixo da coberta, já dá pra imaginar o que eu achava, eu não entendia mto bem o que tava acontecendo mas sabia que era errado não entendia por que ele fazia isso. E não sabia como contar pra minha mãe ela era muito apaixonada por ele. O tempo foi passando eu fui crescendo e as coisas piorando, agora ele não fazia questão de disfarçar, me tocava se masturbava na minha frente com a arma do lado me espiava tomar banho me oferecia dinheiro pra espiar ele transando com a minha mãe, e mesmo eu não aceitando ele dava um jeito de deixar a porta entre aberta e o espelho numa posição em que eu pudesse ver, me dizia que isso era o nosso segredo que se minha mãe soubesse iria ficar mto chateada. Até que um dia com 9 anos ele não de controlou e subiu em cima de mim levantou minha saia abaixo minha calcinha equanto minha mãe tomava banho. Fiquei gelada e comeci a chorar ele desistiu, quando minha mãe saiu percebeu algo errado e acabei contando tudo.. No começo ele disse que era mentira depois confessou. Ela se separou dele e uma semana depois ele tava dentro da minha casa de novo prometendo nunca mais encostar em mim, e a minha mãe já estava com uma outra postura, ela agora me odiava tinha ciúmes me batia por qualquer coisa, me dizia que a culpa era minha por não saber me comportar. Me entregou de bandeja, é claro que ele não ia parar e agora tinha o aval dela. Continuei por mais 4 anos nessa tortura só que agora minha mãe ajudava me batia me expulsava de casa vire e mexe me culpava me batia não me deixava falar pra ninguém. Até que um dia quando estava com 13 anos já cansada dessa vida triste depressiva, tomei uns 15 calmantes tarja preta e meia garrafa de vodka, minha mãe tava viajando e ele chegou. Decidiu finalizar me estuprou violentamente e com toda vontade do mundo, não tive forças pra detelo mto menos conseguia gritar. Nunca havia sequer beijado um homem, já haviam me dito que a primeira vez a gente nunca esquece, e a minha concerteza não vou esquecer nem que eu viva 100 anos. Não me esqueço do dia seguinte toda machucada ainda dopada e tive que escutar dele que eu pedi por isso, era mto gostosa estava mto louca e de camisola depois de tudo isso quando minha voltou fui expulsa de casa, e chantageada com meio kg de maconha plantada no meu quarto era denunciar e ir pra febem por tráfico. Isso é o tipo de ferida que nunca cicatriza peço as mães que nunc deixem de acredita e apoiar, vcs são responsáveis pelo caráter e desenvolvimento de seus filhos e tem por obrigação protege-los! ~Tatiane”

Figura 4: relato com maior número de comentários (69) e a presença do ‘pai’ e da ‘mãe’, duas figuras de protagonismo na nuvem de palavras.

Outros termos se destacam e têm importância substancial para o entendimento da rede de relatos como um espaço de sororidade. ‘Medo’, ‘culpa’, ‘vergonha’ e ‘contar’, juntos, contam uma história comum a muitas vítimas de violência: o receio em compartilhar suas experiências devido ao medo à vergonha. No entanto, a criação de um espaço com propósito de servir como apoio e conforto às vítimas a partir da noção de companheirismo entre mulheres possibilitou que as barreiras do medo fossem quebradas, ainda que anonimamente.

“A história de vocês me encorajou a contar a minha, ou melhor da minha mãe Ana Maria Minha mãe foi estuprada a primeira vez quando tinha 13 anos, por três monstros... A história da minha mãe seria mais uma que ficaria no anonimato, se não fosse o fato deles tentarem mata-la para não serem identificados, minha mãe levou várias facadas na cabeça, perdeu muita massa encefálica, ficou em coma por um bom tempo e graças a Deus sobreviveu, porém com seque-las, ficou deficiente mental, logo após o ocorrido ela engravidou de mim (não fui fruto desse estupro) se envolveu com drogas, bebidas, teve mais três filhos, digo que desde esse estupro ela não viveu vegetou, tentou suicídio inúmeras vezes, perdeu o movimento de uma das mãos, em uma dessas tentativas de suicídios “moeu” o osso da perna ao pular de um prédio, colocou parafuso, ficou puxando dessa perna, se esfaqueava para tentar acabar com o sofrimento dela, foi abusada inúmeras vezes depois disso principalmente devido a sua doença mental, e quando eu pensei que tudo havia terminado, que ela não passaria por mais nada, parecido ou do tipo, eis que em Janeiro/2013 tive a pior notícia da minha vida, minha mãe foi encontrada morta ela tinha 35 anos, pelo jeito roubaram, assassinaram e a estupraram, ela foi muito judiada, pelo jeito não foi so uma pessoa... Já não basta tirarem o direito dela viver com dignidade e criar os filhos, já não basta terem me tirado o direito de ser criada pela minha mãe? Ainda tiram lhe o bem mais precioso, A VIDA. Tudo que ela queria era ter uma vida normal criar os filhos e seguir com a vida dela... e ainda não prenderam ninguém. Isso é o que me dói, demorei um pouco a escrever, porque falar sobre isso ainda me dói muito, quantas Ana Maria foi estupradas e assassinadas, e ninguém foi preso? Mais quantas Ana Maria será necessário morrer para que as autoridades possam fazer alguma coisa? Quantos filhos será necessário ficar órfãos? Até quando? Isso tem que mudar, chega, estava engasgada, obrigado por permitir eu compartilhar a minha triste realidade com vocês, criei a página por nós depois dessa pesquisa machista e também por ela, não imaginei que o retorno seria tão positivo, a gente nunca está preparado para perder alguém ainda mais dessa forma. Eu nunca imaginei q passaria por algo tao ruim, a dor é terrível, tudo perde o sentido e ficamos orfaos e perdidos, sem rumo e sem direção, ando nas ruas com medo de que isso possa me acontecer, minha vida mudou totalmente... e é exatamente nessas horas q não conseguimos se quer caminhar q Deus aparece, nos carrega no colo e diz Não temas, EU ESTOU CONTIGO * Detalhe: EU NÃO PERDI A MINHA FÉ * Obs: Ela estava de calça jeans e camiseta - Amanda Cristina Admn. da página”

Figura 6: relato compartilhado anonimamente pela fanpage

“Assim como você fiquei indignada com o resultado dessa pesquisa e mais indignada em ver as manifestações contra o que você está fazendo o que eu acho ótimo pois não podemos nos calar. Fiquei muito revoltada e com muito asco dessa pesquisa e dessas pessoas que consideram a mulher culpada por tamanha violência. Fiquei revoltada por levar essa culpa fui estuprada por um primo quando eu tinha 5 anos, agora me diz, uma menina de 5 anos provocou o estupro? uma menina de 5 anos estava de roupa curta? uma menina de 5 anos estava andando sozinha na rua ou se insinuando? NÃO eu não fiz nada do que essas pessoas dizem para justificar a violência. Eu estava sentada no sofá da casa desse meu primo no dia de Natal quando ele me chamou dizendo que precisava me dar um presente que estava escondido no quarto, ele tinha 14 anos. Quando chegamos ele me empurrou para dentro de um armário me amordaçou e me estuprou. Depois de tudo me ameaçou para que eu não contasse para os meu pais. Passei a vida calada sem dizer isso a alguém_ passei todos esses anos me questionando quando ouvia alguém estupidamente dizer: _ELA PROVOCOU_. Eu não provoqueei nenhuma de nós que sofremos essa violência ou tentativa provocamos. Nunca contei isso a ninguém mas não podia mas me calar... EU NÃO MERECEI E NÃO MEREÇO SER ESTUPRADA!”

Figura 7: relato compartilhado anonimamente pela fanpage

Em ambos relatos se constata a importância dada pela vítima à rede de relatos criada a partir do movimento, motivando-as a contar suas próprias histórias e protestar pelo fim do abuso sexual, físico e psicológico contra mulheres. Há um efeito dominó, no qual

graças à corajosa decisão tomada por mulheres em compartilhar seus relatos de abuso, outras sentiram-se motivadas a relatar suas experiências pessoais, muitas vezes encobertas até então pelo medo da reação.

Percebe-se também, a partir da leitura dos relatos, a performance catártica das autoras, com a descarga de afetos ligados ao trágico acontecimento do abuso e a esperança da superação não somente pessoal, mas de todas que passaram ou possam vir a passar por acontecimentos semelhantes.

Em ambos relatos se constata a importância dada pela vítima à rede de relatos criada a partir do movimento, motivando-as a contar suas próprias histórias e protestar pelo fim do abuso sexual, físico e psicológico contra mulheres. Há um efeito dominó, no qual graças à corajosa decisão tomada por mulheres em compartilhar seus relatos de abuso, outras sentiram-se motivadas a relatar suas experiências pessoais, muitas vezes encobertas até então pelo medo da reação.

Percebe-se também, a partir da leitura dos relatos, a performance catártica das autoras, com a descarga de afetos ligados ao trágico acontecimento do abuso e a esperança da superação não somente pessoal, mas de todas que passaram ou possam vir a passar por acontecimentos semelhantes.

Quando observados os dados referentes às interações produzidas por meio de comentários no ambiente da página, percebeu-se a predominância das reações sentimentais aos casos relatados, tais como tristeza, indignação, alegria pela superação, compaixão e apoio. Ao total, a subcategoria sentimentos correspondeu a 50,58% dos comentários na rede.

Além dela, também correspondem às reações do público as subcategorias ‘Impunidade’ e ‘Proposta de Penalização’. Deste modo, mais do que um espaço para compartilhamento de experiências, a fanpage mostrou-se também como instrumento de apoio às vítimas de violações e indignação quanto à violência contra as mulheres, reforçando o sentido de um espaço de sororidade e conforto para as vítimas.

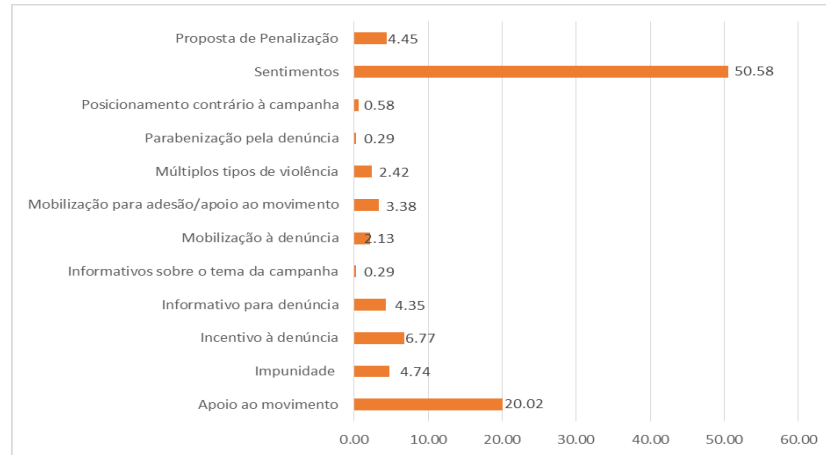


Gráfico 2: Subcategorias Comentários.

5. Conclusão

A campanha “Não mereço ser estuprada” fez parte de um ciclo de protestos feministas iniciados em 2013 e ainda recorrente, que têm como particularidade a ocupação do ciberespaço a partir da exposição de relatos de vivência individual, indignação e esperança a fim de viralizá-los e possibilitar a criação de uma rede feminina de voz e apoio para mulheres.

Frente à riqueza de conteúdo existente nas postagens e interações entre a fanpage e seguidores torna-se proveitosa a compreensão das narrativas de relato presentes na fanpage “Eu não mereço ser estuprada”. É a partir deste momento que se intensifica utilização dos mesmos e pavimenta-se o caminho para a predominância de relatos dentro de iniciativas feministas na rede, característica inovadora dentro do movimento, vista em eventos posteriores bastante difundidos, como #meuamigosecreto e #meuprimeiroassédio.

Com base nas análises textuais das postagens e interações presentes na fanpage “Eu não mereço ser estuprada”, resultante da campanha em rede homônima, constata-se o surgimento de uma rede de sororidade e apoio às vítimas de violações. Construiu-se um espaço seguro para que mulheres sentissem que fosse possível relatar acontecimentos e participar de uma expurgação emocional.

É interessante pensar que a composição majoritária dos textos da página ser composta por relatos desencadeou estratégias por parte dos curtidores e frequentadores. Seja por vergonha, medo da exposição ou quaisquer outros motivos, mas motivados por um desejo de esperança de mudança, os curtidores enviaram seus depoimentos por meio de mensagens, anônimas ou autorais, aos administradores da página ou, ainda que em menor grau, por meio direto de comentários diretamente nas postagens. Houve uma reação cíclica:

a publicação de relatos desencadeou a esperança de mudança, que gerou a coragem em enviar novos relatos a fim de reproduzir o ciclo e desencadear novos relatos.

Parte substancial das postagens da fanpage e dos comentários realizados por suas seguidoras foram dedicados aos relatos e às diversas reações sentimentais causadas por eles, em especial àquelas como tristeza, empatia, tristeza, raiva e indignação. A reação dos comentaristas baseada em sentimentos de apoio às vítimas e contrário à violência contra a mulher foi, de acordo com a narrativa de grande parte dos relatos publicados pela fanpage, o elemento chave para a construção de um espaço de apoio entre mulheres e o compartilhamento de relatos, ainda que de forma anônima.

Além disso, através da leitura completa dos relatos percebeu-se que os modos como as violências foram narradas pelas vítimas tinham em comum uma escrita picada, sem uma grande preocupação aparente com a coesão textual, vírgulas ou uso da ortografia formal, com muitas delas desculpando-se por uma possível confusão causada pela escrita. Em nossa percepção, o modo como os textos são passados também são parte da noção de catarse do relato, como se aquele que relata, ao extravasar suas indignações e esperanças, envolve-se profundamente com aquilo que está sendo dito a ponto de não se atentar totalmente a como a mensagem está sendo entregue, tendo também a confiança de que não sofrerá represálias por isso.

Este artigo tece rumos para uma agenda futura de pesquisa, que busca compreender não apenas as maneiras pelas quais questões sensíveis de gênero são debatidas no ambiente público, mas sobretudo como as mobilizações no ambiente online contribuíram para a emergência de um ciclo de protestos no Brasil, entre 2013 e 2015, e seus impactos sobre as organizações e padrões de ação coletiva do movimento feminista nas ruas.

5. Referências Bibliográficas

BORTOLON, Bianca; MALINI, Marianne; MALINI, Fabio. **Gênero e Ativismo Online**: um estudo de caso da campanha Não Mereço Ser Estuprada no Facebook. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/lista_area_DT5-CI.htm>. Acesso em: 29/07/2016

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**: Movimentos Sociais na Era da Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 1º ed., 2013.

LEAL, Tatiane. **Chega de Fiu Fiu**: Mobilização Feminista e Direito à Cidade na Era da Internet. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/lista_area_DT5-CI.htm>. Acesso em: 17/06/2016

REZENDE, Renata. **A catarse cotidiana**: performances dramáticas no Facebook. *Cultura Midiática*, n. 13, 2, jul-dez, 2014, p. 142-156.

TARROW, Sidney; TILLY, Charles. **Contentious Politics**. Oxford University Press, 2006.

TILLY, Charles. **Contentious Performances**. Cambridge University Press, 2008.

